

## “A DAMA DA ACADEMIA”- UMA METABIOGRAFIA DE LEÔNIA LEÃO.

Josemir Camilo de Melo (UFCG/UEPB)<sup>1</sup>  
Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (UEPB)<sup>2</sup>

**Resumo:** A Biografia, narração de fatos particulares das fases da vida de uma pessoa ou personagem, tem sido alvo de críticas por parte das Ciências Humanas, com destaque para o que Bourdieu (2000) chamou de “*Ilusão Biográfica*”, a crença da ordenação dos acontecimentos de uma vida como uma história com começo, meio e fim. Atualmente o gênero vem passando por mudanças em sua estrutura narrativa, possibilitando um olhar diferenciado dos pesquisadores. Propomos uma alternativa de construção biográfica: a metabiografia, idealizada por Vilas Boas (2008) da senhora Lêonia Leão, personagem paradigmática dos principais fatos educacionais e literários de Campina Grande-PB. Entrevistas abertas e pesquisas documental serão feitas na Academia Letras local, em complemento, diante de impasses inerentes à relação biografado-biógrafo.

**Palavras Chave:** História Oral, Metabiografia, Memória.

**Abstract:** Biography, a description of private facts of a person or personality life steps, had been submitted to hard critics coming from the Human Sciences, with destaque to what the Bourdieu called “*Ilusão Biográfica*” (2000). Nowadays this genre had been changing through its narrative structure, bringing a different look to researchers. We propose an alternative way to a biographical building, the metabiography (Vilas Boas, 2008), in order to study the Lêonia Leão life, who had participated in the principal education and literary facts of Campina Grande, PB. Open interviews and research on documents will be held in the local Academia de Letras for accomplishments front of impasses inherent to the relationship between biography and biographer.

**Key-words:** Oral History, Metabiography, Memory.

### 1 - “Abrindo a cortina do passado”

(...) a biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios (LEVILLAIN, 2003: 165).

---

<sup>1</sup> PhD em História pela UFPE; professor aposentado da UFCG; professor substituo da UEPB.

<sup>2</sup> Bacharel me Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba.

Sentada no sofá da sua sala, frente ao gravador em cima de uma mesinha, Leônia Leão relata, com sua voz forte e seu olhar mágico de lindos olhos azuis, certas lembranças de uma longa trajetória. Infância, educação, maturidade, casamento, filhos, carreira literária. Dois curiosos incitam a sua memória intensa de senhora de 85 anos de idade. Começam a perguntar fatos sobre o seu passado, a ponto de ela afirmar em certo momento as seguintes palavras aos seus interlocutores *“Vocês estão chamando minha memória. Estão pensando o quê? Estou abrindo a cortina do passado”*.

Nos fins do século XIX, um cidadão português tinha uma propriedade na área rural de Campina Grande que era denominada fazenda Três Irmãs. O pai tinha posto este nome em homenagem às suas três filhas: Maria Jesus da Conceição, Ursulina e Josefa (colocamos, aqui, na ordem da fala da depoente, dando ênfase de que o nome completo da primeira, citada assim por ela, é por ser sua avó). Hoje aquela área é subúrbio campinense. Um dia, Francisco Tavares de Brito, jovem trabalhador da região propôs casamento a uma das filhas do português, sendo Maria, a mais velha escolhida pela beleza e simplicidade. Maria pouco tempo após o matrimônio daria a luz a uma menina, que em homenagem ao pai, vítima de varíola, receberia o nome de Francisca, a mãe de nossa personagem.

Da parte de pai, a origem de Leônia Leão nos remete aos descendentes dos Leão de Alagoas, família conhecida nos tempos coloniais no Nordeste. Inácio Leão, dono de largas terras na região de Palmeiras dos Índios, onde nasceu, criava seus filhos com toda opulência, juntamente com uma índia, chamada Tibaca. Um dos seus filhos, chamado João Miguel Leão, engravidou a índia: *“Meu avô buliu com uma índia. O nome dela era ‘Tibaca’*, nos conta Leônia. Tibaca significa fibra de coqueiro, de palmeira (nota dos biógrafos). Inácio diante dos fatos e com todo rigor característico da época, acabou forçando o filho a se casar com a índia, mas fez uma exigência: daria o dinheiro que fosse justo e necessário para o casal e legitimado através da herança, todavia, ele deveria morar longe daquela província. E assim foi feito, João Miguel Leão veio residir em Campina Grande, ainda vila, comprando terras na Serra de Joaquim Vieira, hoje distrito campinense de São José da Mata. João Miguel Leão (avô, portanto, de Leônia) por sua vez, se casou com a neta de escravos, Joana Maria da Conceição. E foi lá que nasceram filhas e apenas dois homens, José Ferreira e Pedro Ferreira (1877) pai de Leônia.

Desta filiação daria a ‘morena’ Leônia: *“Eu gosto da minha cor, eu gosto”*, nos disse, passando o indicador sobre a pele do braço direito. E diria mais,: *“Meu irmão, Anézio se orgulhava de ser quase negro; lá em casa era assim, uns brancos, outros menos claro”*.

O tronco formado por Pedro Ferreira Leão e Francisca Tavares Leão deu ao mundo 18 filhos: Inácio, Anézio<sup>3</sup>, Álvaro<sup>4</sup>, Abel, Alcides (famoso compositor de frevos no Recife, onde tem até nome de rua), Arnaldo (pintor), Napoleão (músico e maestro), Irene (já nonagenária, vivendo também em Campina Grande) (dos nomes citados na hora) e Leônia. Os Leão têm marcado a cultura campinense e porque não dizer também de Pernambuco e até no Rio Grande do Sul. Napoleão também foi escritor bissexto; Abel também foi poeta, conforme nos informou Leônia. A própria Leônia já era, em 1966, conhecida na cidade como “espontânea belettrista” na crítica de Tejo (1961: p. V) e poetisa, como ela afirma e, não, poeta. Os Leão parecem se enquadrar naquilo que Chartier chama de “*aculturação tipográfica*” do povo urbano, quando o escrito favorece “(...) a entrada do povo urbano na cultura do escrito impresso”.(CHARTIER, 2004: 107 e 111).

Admiradora do irmão, Anézio, Leônia começa falando dele: ‘*Anézio Leão ensinava versejando*’. Lembra que, geralmente, quando escrevia as suas crônicas ia mostrar ao irmão. Sempre com bom humor Anézio corrigia, detalhadamente as crases. Fala de que sua vida foi um pouco agitada pelos casamentos que teve. Pedro Leão fez o Colégio São Sebastião para o filho Anézio, quase como uma compensação, por não tê-lo colocado para estudar, apesar de seus pendores. Leônia conta que Anézio, aos 4 anos de idade, leu e escreveu sozinho o nome de uma casa comercial: Bazar Novo Hamburgo. Assim, em seu colégio, havia uma Banda da escola, de que ele era o maestro, com seus irmãos músicos, mantendo-se assim uma rivalidade entre o Colégio Pedagógico e o Colégio São Sebastião.

## 2 - Uma vida na escola

---

<sup>3</sup> Anézio Leão nasceu em Campina Grande no dia 20 de março de 1900 e morreu, na mesma cidade, em 2 de novembro de 1971. Adolescente, já fazia versos, aprimorando-se por conta própria na língua portuguesa publicando-os em jornais e revistas. Aprimorou-se no estudo da língua pátria, de que é conhecido e acatado mestre. Publicou um livro de poemas “Grito d’Alma” e uma gramática “Aulas de Português”, no que, aliás, foi ajudado por Pedro Gondim e Vital do Rego. A 2a. edição, em 1961, foi composta, impressa e encadernada pelo autor; a primeira edição foi pela Livraria Pedrosa, de Campina Grande. Segundo Leônia, houve 4 edições da obra. Fundou o educandário 7 de Setembro e o colégio São Sebastião. Foi também político, elegendando-se vereador, cuja Câmara tem seu nome: Casa Anézio Leão. Anézio É patrono da Academia de Letras de Campina Grande, cadeira nº 03, cuja acadêmica é a irmã, Leônia. Foi eleito por dois mandatos vereador e presidente da Câmara Municipal de Campina Grande Além vereador, Anézio foi secretário de governo de Ernany Satyro.

<sup>4</sup> Álvaro Ferreira Leão nasceu em Campina Grande, em 1910, e faleceu em 1980, em Porto Alegre (RS). Tinha apenas o primário, era barbeiro, e manteve por certo tempo um bar a “Furna do Leão”, onde se reuniam intelectuais e boêmios. Interessou-se pela poesia matuta. Escreveu: “Aconteceu em Campina”, “O Pitêu do Leão”, “Sarandage” e “Gaveta de Sapateiro”. Foi também teatrólogo com a peça “Os Milhões de Tangino”.

Natural de Campina Grande, Leônia tem dois registros de idade. Segundo a depoente, seu registro de nascimento foi tirado por seu irmão Álvaro, após a morte de seu pai, com 54 anos, em 1931, quando Leônia tinha já cinco anos de idade. Por esquecimento do ano, o irmão a registrou como nascida em 1922, quando de fato, segundo seu batistério, foi em 1925. Portanto Leônia é tão fora de série que tem até duas idades. Caçula do casal Pedro e Francisca, Leônia Leão da Nóbrega cresceu ‘moleca’ no que é hoje o bairro da Prata, de onde nasceu sua paixão pelo Treze Futebol Clube que ia ver com os irmãos e o pai.

É neste contexto familiar que Leônia vai crescer com propensões ao ambiente cultural dos irmãos mais velhos, Anézio e Álvaro, pendendo para a prática cultural dos irmãos ‘fazedores’ de livros, gramáticas, versos, músicas e não para o ambiente do pai, comerciante e proprietário de imóveis. Papai morava na Floriano Peixoto, comprou nos idos finais do século XIX um sítio onde hoje é a Rua João Pessoa. Um lado da rua era seu, o outro do seu irmão, José Leão.

Seu ambiente imaginário na infância (aos 12 anos) se amplia na convivência com um vizinho, advogado, que possuía uma biblioteca em sua casa:

Fomos morar na Rua Floriano Peixoto, quase de frente a catedral, eu fui vizinha do doutor Edésio Silva, pai de Antônio Augusto. Eu era muito amiga de Carmem, caçula dele. Eu ia para lá. Ele tinha biblioteca. Sei que eu nunca tinha visto uma biblioteca. Fiquei curiosa. Eu tinha 12 anos. Fui para a biblioteca e comecei a folhear. Aí, doutor Edésio Silva perguntou: você gosta de ler Leônia? Gosto muito. Pois você tem a biblioteca a sua disposição. De forma que minha ilustração, eu posso dizer assim, foi na biblioteca dele. Li o que eu devia ler e o que não devia. Marquês de Sade eu li. Li coisas incríveis. Li enciclopédias. Tesouro da Juventude.

Seu pai também a incitava a ler, homem inteligente, procurou colocá-la nas melhores escolas da época. Leônia estudou o primário no antigo Instituto Pedagógico<sup>5</sup>, hoje chamado Colégio Alfredo Dantas, onde fazia também o Curso Propedêutico (Técnico Comercial), diferentemente da maioria das mulheres da época. No entanto, casou-se cedo, aos 16 anos, com o comerciante Gerônimo da Nóbrega, natural de Santa Luzia, sertão da Paraíba, tendo quatro filhas e um filho.

“*Eu passei minha vida na escola*”, assim se referiu a sua própria trajetória. Ao ser perguntada sobre Leônia do Colégio da Prata,

---

<sup>5</sup> Instituto Pedagógico, fundado na Rua da Lapa, hoje Rua João Pessoa em 1919, pelo tenente Alfredo Dantas Correia de Góis.

“Se eu estudei no Colégio da Prata? Não! Estudei, foi no Colégio Alfredo Dantas. Aquela Leônia da Prata é Leônia Leão Borges, minha sobrinha, filha caçula de Anézio”. Que Anézio era muito devotado a mim pondo meu nome em sua filha, a quem também dedico muita afeição”.

A viúva Leônia, ao relembrar seu (difícil) casamento, cita suas filhas Mércia, Magnólia, Cláutenes, Clara, e Carlos Maurício, narrando as dificuldades que teve para, já casada, estudar Jornalismo, que naquela época só existia o da Universidade Católica no Recife. Ela diz que a mentalidade da época era a de que “*Mulher casada que estuda, namora com o professor*”. Leônia, mãe e esposa, além de lutar para que suas filhas e filho estudassem, viajava três vezes na semana, para estudar fora.

Depois dos vários cursos realizados, Leônia Leão se tornou um das mais reconhecidas professoras de Campina Grande, fundou escolas, lecionou em outras, ministrou cursos pelo SENAC em vários municípios do estado. Tornou-se professora da Universidade Federal da Paraíba, Campus de Campina Grande, e fez curso na ADESG. Além de professora da Universidade Federal da Paraíba, mesmo depois de aposentada, a pedido do reitor Berilo Borba da UFPB, tornou-se secretária da instituição, cargo que ocupou durante 7 anos. Neste mesmo período escrevia nos Jornais de Campina Grande, a exemplo do Jornal da Paraíba (quatro anos) e Diário da Borborema (cinco anos). Com a fundação da Academia de Letras de Campina Grande, a partir de 1981, foi eleita para a Cadeira N° 03, tornando-se secretaria daquela entidade até hoje.

Por isto, na biografia de Leônia Leão não devemos buscar trajetórias e sim tramas, ações e fazeres paralelos, díspares.

### **3 - Biografia/ biografismos**

A biografia pode ser definida como sendo uma narração de fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem, podendo ser construída em diversas linguagens, como livros (as mais comuns), filmes, peças teatrais, entre outros. Gênero híbrido por natureza, que combina uma série de recursos e conceitos de vários campos do conhecimento social e humano, como a literária, a histórica, a jornalística, a psicológica, entre outros, foi durante muitos anos ele alvo de várias críticas por parte de estudiosos, que a consideravam um gênero menor. Estas críticas vieram principalmente por parte dos historiadores. Mas, que motivações estão contidas nestas críticas por parte dos historiadores?

Segundo Borges, a biografia seria uma prática exercida por indivíduos preocupados principalmente com o endeusamento de certos personagens e fatos históricos:

(...) a maioria das biografias realizadas não parece satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial (Borges, 2005: 213).

Atualmente este gênero vem passando por intensas transformações. Houve uma contribuição para isso essencial do conhecimento literário, jornalístico, como também do histórico, quanto às práticas de captação de informação, e principalmente quanto à construção da narrativa, que agora tem uma preocupação clara e maior quanto aos fundamentos estilísticos e estéticos. Todavia, a principal crítica do gênero biográfico não vem de um historiador, mas do sociólogo Pierre Bourdieu. Seguindo este autor, não pretendemos fazer um relato biográfico, porque este (...) *propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...) tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis*” (BOURDIEU, 2000:184). Ou seja, evitaremos um relato dentro da estrutura do romance, pois, seria, segundo o autor, “*conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar*” (Idem:185).

Neste ensaio, prévia da biografia, estudaremos os diversos tipos de biografias e seu universo polissêmico, variando de, originária e meramente, gênero, para uma ‘abordagem’ mais que ‘domínio’, na historiografia, no dizer de Barros (2004:193). A biografia “*é um gênero, como estabeleceu o Dictionnaire de Littré, em 1863, o que equivale a afirmar que ela resulta de um processo criativo no sentido em que ele é compreendido na literatura*” (LEVILLAIN, 2003:154).

A biografia de heróis, santos e reis teve uma grande crise no século XIX com o advento da filosofia da história quando os indivíduos “*apareceram como instrumentos da razão*” (LORIGA, 1998:230). A reação positivista ainda a manteve. Com Annales, a biografia passava a ser não só contextualizada, mas vista dentro de uma perspectiva de mentalidade, ou dentro de uma contextura de longa duração: Lucien Febvre (Martinho Lutero, e Rabelais); e Braudel, com Felipe II e o Mediterrâneo.

Para Giovanni Levi, a biografia tem um papel ambíguo em história, pois tanto pode servir de instrumento de pesquisa social como, ao contrário, diz ele, propor uma forma de evitar a pesquisa dita (LEVI, 2000:168). No entanto, Levi admite a confecção da biografia,

mesmo conhecendo a crítica de Bourdieu: “*Não pretendo retomar um debate que sempre foi inerente às ciências sociais e à historiografia e que Pierre Bourdieu qualificou, com sua salutar ferocidade, de absurdo científico*” (ibidem). Parecendo discordar de Bourdieu, Levi acha que nesta época de mudanças de paradigmas, a (auto) biografia “*merece algumas observações que podem contribuir para a reflexão reclamada pelo editorial dos Annales*” (Ibidem). No entanto, mais adiante, Levi concorda com Bourdieu, pois da mesma forma considera “*indispensável reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos a cada instante*” (Idem:169). Neste caso, o biógrafo fugiria da crítica de Bourdieu, pois segundo este, as Ciências Sociais repetem o senso comum como se a vida fosse um caminho, estrada, carreira com encruzilhadas e emboscadas, além de uma estréia na vida e um fim, e este no sentido tanto de término como de objetivo (BOURDIEU, 2000:182). Talvez, aqui, devêssemos observar o princípio da descontinuidade, porque Bourdieu já nos deixa a premissa: “*Falar de história de vida é pelo menos pressupor (...) que a vida é uma história (...) o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história*” (Op.cit:182).

Onde enquadrar nosso tipo de pesquisa biográfica, segundo Giovanni Levi? Este autor aponta para a biografia como um canal onde as técnicas e os questionamentos da literatura se passam à historiografia (LEVI, 2000:168). E, para isto, cria quatro categorias de narrativas biográficas: *a prosopografia e biografia moral; biografia e contexto; biografia e os casos extremos, e biografia e hermenêutica* (Op. cit.:174-178). Nosso caso se enquadra no segundo tipo, a biografia e o contexto. Levi explicita que a biografia conserva sua especificidade, mas o meio e a ambiência “*são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias*” (Op. cit.:175).

O nome Leão desde as primeiras décadas do século XX se fez em Campina Grande, primeiro na figura do pai, Pedro Ferreira, através do seu ‘Bazar do Leão’ onde se vendia de um tudo. O nome do patriarca inundaria a cidade através da propriedade de dezenas de imóveis. Anteriormente seu pai, avô da depoente, fez nome na cidade, com uma capacidade profética, como nos conta Leônia, de prever invernos. O que lhe acarretou fama, a ponto de ser escolhido para ser padrinho de umas duas centenas de crianças no município. Portanto, um nome se fez na Campina da primeira metade do século XX, os Leão. Não foi feito grandioso por historiadores ou literatos. O nome pesou mais nas áreas da cultura da palavra, os versos, os livros, e pela educação, apesar da curta investida de Anézio na política. Leônia Leão, por sua vez, nos diz: “*Sou jornalista, me formei em jornalismo*”. “*Fui professora, primeiro do primário, no Sólton de Lucena, no SENAC e depois na UFPB, professora de Português*”. Em

outra ocasião, em conversa particular, ela diria: *Trabalhei cinco anos no Diário da Borborema e quatro no Jornal da Paraíba. Eu trabalhava tanto que chegava fim de semana eu escrevia logo seis artigos para o Diário.* Ganhou o segundo lugar em um concurso de monografias, no Rio Grande do Norte, sobre Santos Dummont, em 1973, ganhando do Governo, uma viagem para Buenos Aires. Ganhou também um prêmio de poesia no Amazonas com o poema *Pororoca*. Além disto, recebeu a medalha de Honra ao Mérito Municipal pela Câmara Municipal de Campina Grande, em 1992. O nome Leão se (re)faz. Não é à toa o título do livro de Álvaro Leão: *O Pitéu do Leão. De bazar ao pitéu, dos Irmãos Leão a Leônia, um nome: Leão.*

#### **4 - Metabiografia**

Através de nossas intermediações ela foi traçando o seu caminhar de lembranças, regulares ou zigzagueantes, abrindo não só as cortinas, mas as janelas e as portas do seu passado. E é através destes relatos orais inicialmente, que propomos construir biograficamente, seguindo os parâmetros do jornalista Vilas Boas (2008), em seus estudos sobre o “*metabiografar*”, a história de vida da senhora Lêonia Leão, personagem paradigmática, que participou durante anos dos principais fatos educacionais e literários de Campina Grande, Paraíba. Nossa intenção é produzir um texto intercalando relatos de vida da nossa personagem, com aspectos teóricos que sustentam a nossa opção metodológica de biografar. Partimos do comum e do contexto, sem, é claro, jogarmos na lata do lixo da história, detalhes importantes como a origem social. Metabiografia porque é uma construção em aberto tanto em questão de direção (meta/telos) pois bem, como de método de pesquisa.

Adotaremos, tanto quanto, a conversação com a biografada, como faz Vilas Boas, usando de uma técnica moderna em jornalismo, a linguagem biográfica dos diálogos. No entanto, como também somos historiadores, usaremos a pesquisa sobre o contexto vivido pela biografada, numa escala diferente, alterando com sua fala, numa perspectiva meta-moderna, e até cruzando com a de outros biógrafos e biografados, não só em termos de citação, mas de conversa textual e reprodução de memória recente. Com isto, pretendemos nos aproximar do que Vilas Boas chama de metabiografia ao se tratar de biografado vivo.



Segundo este autor, o biógrafo deve-se indagar de sua escolha: “*por que escolho a quem escolho?*” (Op cit.:34). No caso, deveu-se diretamente a um projeto<sup>6</sup>, a quem se juntariam outros nomes de professores e/ou estudantes da década de 40 e 50 para aquela pesquisa. Acrescentamos a esta opção, o fato de perceber que é uma intelectual negra (“*morena*”, diz) e ao que parece, nunca foi discriminada como tal. Uma sociedade racista pode criar uma identidade para o sujeito, reforçando o herdado como uma cadeia cultural. Isto posto, é bom ouvir Leônia Leão que, durante a entrevista, falando de sua ancestral, mostrou a cor da pele nos braços, e disse: “*não é por isso que sou assim*”. E, em outra conversa, nos disse que achava sua cor linda. No entanto, é ela mesma que mostra o retrato da identidade racista, em sua cidade, ao relatar que seu pai quando quis casar com sua mãe, a família da noiva não quis deixar, a princípio, alegando que ele era negro.

Evitaremos na biografia o esquema linear-evolutivo-cronológico tão a gosto de literatos e historiadores amadores (VILAS BOAS, 2008: 48, 76 e 82) embora não possamos fugir às inquietações da influência que a família tem ou pode ter na construção da persona(gem)lidade. Estaremos alertas para o que diz Levillain: “*O historiador acaba por assumir os sentimentos de seu herói* (2003:142). Daí que: “*Entre o autor e o biografado podia-se estabelecer uma espécie de troca de identidade*” (Idem:144).

Assim é que indagamos, imaginariamente, ao senhor Pedro Ferreira Leão o porquê de batizar sua filha de Leônia quando já tinha Leão por sobrenome. Seria porque era a última criança a nascer do casal, e que deveria ser reforçada sua persona(gem)lidade? Mas é a própria Leônia que nos conta da intencionalidade do pai, que a queria forte, guerreira. E ela o tem sido. Talvez coubesse, aqui, uma indagação a respeito do que Bourdieu nos fala, com respeito ao *habitus* na unificação de um ‘eu’, ou seja, o nome próprio, como determinante de uma identidade “social constante. E, mais do que isto, um *nome de família* (BOURDIEU, 2000: 186-7)

Evitaremos também o pressuposto de começar a biografia a partir de um ponto zero (VILAS BOAS, 2008: 57), a família, embora não façamos tabula rasa disto. Uma família de classe média, na década de 1920, em Campina Grande, possui elementos que moldam forçosamente ou provocam reações em indivíduos, principalmente sendo mulher em meio a irmãos, todos mais velhos, além do pai e do avô. Para Leônia Leão, havia um lado especular, além da mãe, a avó e a tia Ursulina que lhe impressionava pela beleza: “*Branca, parecia uma*

---

<sup>6</sup> MELO, Josemir Camilo de (orientador) e ALBUQUERQUE, Bruno Gaudêncio (orientando). A Influência do Trem do Recife na Cultura Educacional de Campina Grande, 1907-1957. Projeto PIBIC/UEPB, 2007/8.

*holandesa*”. Tudo isto deverá ser levado em conta, pois não basta explicar o curso dos acontecimentos, é “(...) *preciso levar em consideração as instituições e o meio (a raça, a nação, a geração etc.)*” (LORIGA, 1998: 231)

E é desta maneira que a Metabiografia pode e deve ser uma boa possibilidade de construção biográfica para os historiadores, pois sua construção é jogo de estratégias narrativas que significam e fogem de velhos princípios de escrita tradicional e ineficiente. Sua essência toca no limiar da subjetividade, desaproxima de certos aspectos meramente científicos, visto que o autor (biógrafo) tem plena (ou deve ter) consciência de que esta construindo um personagem.

Como diria Levillain “*a biografia é o lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade, se não isolar o homem ou não exaltá-lo às custas de seus semelhantes*” (203:176).

## BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e Misérias da Biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. *Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 183-191.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COLETÂNEA DE AUTORES CAMPINENSES. Comissão Cultural do Centenário. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1964.

LEÃO, Álvaro. *Aconteceu em Campina*. Campina Grande: Gráfica Comercial LTDA, 1966.

*O Pitêu do Leão*. Porto Alegre: s/Ed., 1979.

LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.167-182.

LEVILLAIN, Philippe. *Os Protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p.141-184.

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.225-249.

ROSENTHAL, Gabriele. *A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.193-229.

TEJO, Orlando. *Prefácio a Aconteceu em Campina*. Campina Grande: Gráfica Comercial LTDA, 1966, p. I-VII.

VILAS BOAS, Sérgio. *Metabiografia e Arte: um problema de aproximação*. In: Revista Comunicarte. São Paulo: s/d. p.73-89.

*Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.